



APROVAR A GREVE ESTUDANTIL NA USP!

A perda de mais de 800 professores em uma década, noticiada na grande imprensa esta semana, é sentida na pele diariamente pelos estudantes, que não conseguem fazer as disciplinas de que precisam em seus cursos. Desde o início deste ano, protestos, atos, paralisações foram feitos, em diferentes unidades, mas nada de a Reitoria ou os diretores das faculdades tomarem medidas para resolver o problema. Chegamos a um ponto semelhante ao vivido pela FFLCH em 2002, com disciplinas obrigatórias sem professores, e cursos ameaçados de extinção, mas desta vez em toda a USP. Em 2002, a greve estudantil teve de se estender por 106 dias, chegando à pressão nas ruas sobre o então governador Alckmin, para se contratarem 92 professores, diante da demanda de 259, e da oferta da reitoria de SEIS. Agora, temos mais problemas a enfrentar.

Quanto à permanência estudantil, as bolsas estudantis, muito insuficientes em seus valores e número, são cada vez mais arrojadas. A Reitoria, por meio do Programa de Apoio à Permanência e Formação Estudantil (PAPFE), instituiu um TETO de bolsas. As moradias, sucateadas, ao invés de serem ampliadas, são reduzidas, seja pela reforma de um dos blocos, imposta de cima para baixo, seja pela perseguição aos moradores não regularizados, seja pela não entrega dos blocos K e L, prometida desde 2010. Os restaurantes, na sua maioria privatizados, não atendem as necessidades. O Hospital Universitário (HU) está cada vez mais precarizado em seu atendimento. A creche fechada há mais de cinco anos continua abandonada, e a falta de vagas é cada vez maior.

A combinação de uma política privatista e elitista com a precarização e sucateamento dos serviços públicos resulta num inferno aos estudantes, especialmente aos mais pobres. Essa política é ditada pela classe dominante, a burguesia, e é imposta por meio de seus governos, que manejam as administrações das universidades públicas – burocracia universitária – de acordo com seus interesses. A Reitoria é marionete da burguesia e de seus governos. E as diretorias de unidades são serviçais dela.

A ÚNICA SAÍDA HOJE PARA ENFRENTAR A POLÍTICA DA REITORIA E DO GOVERNO DO ESTADO É A GREVE!

Diante da política ditada de cima para baixo na universidade, os que estudam e trabalham devem organizar um movimento para projetar as necessidades não atendidas para fora dos muros da USP. É preciso ganhar o apoio da população assalariada, para que a pressão sobre o governo seja capaz de fazê-lo voltar atrás e atender as reivindicações.

Para isso, é preciso que a grande maioria dos estudantes possa se juntar à mobilização. Não podem ficar amarrados nas salas de aula, por meio do controle de frequência, necessidade de entrega de trabalhos ou realização de provas. A paralisação das atividades é um MEIO para construir um movimento massivo, com força suficiente para derrotar a Reitoria/Governo.

NADA DE GREVE DE PIJAMA! FAZER O MOVIMENTO ESTUDANTIL PULSAR NAS RUAS!!!

A burguesia e o governo não estão nem aí para a universidade pública. É por isso que não tem cabimento fazer uma greve de pijama, com a maioria estudantil em casa, de pantufas e no sofá. É preciso uma greve ativa, com atividades nos cursos e gerais diárias, que organizem as atividades de rua, que devem acontecer pelo menos uma vez por semana. E devem se voltar contra os responsáveis diretos pelo descalabro: Reitor e Governador. E também contra seus capachos, que ajudam a sucatear a universidade – os diretores das unidades e superintendências.

A GREVE SE CONSTRÓI A PARTIR DAS UNIDADES MAIS MOBILIZADAS – MAS SE ESTENDE PARA AS DEMAIS!

Sabemos que a mobilização nos cursos não é homogênea, assim como os problemas vividos também não são. Mas os problemas mais graves que listamos acima afetam a grande maioria dos estudantes, de todas as unidades. Não se podem tomar as unidades menos mobilizadas como pretexto para não fazer uma greve de toda a USP. O contrário é que deve ser feito!

O movimento que já existe nos cursos mais mobilizados deve servir de ponto de apoio para ajudar na organização dos cursos menos mobilizados. A liberdade de movimento dos estudantes em greve deve estar voltada também às ações que permitam fazer com que o movimento cresça e se fortaleça. A organização dos comandos de greve, que percorram todas as unidades da USP, de forma a impulsionar a organização e mobilização dos demais cursos, permitirá construir de fato a greve. O protelamento da greve, sob o pretexto das condições ideais para deflagrá-la, vai no caminho do estrangulamento da luta que já existe.

ELEGER UM COMANDO DE GREVE, A PARTIR DAS ASSEMBLEIAS DOS CURSOS EM LUTA!

As assembleias discutem e decidem os rumos gerais do movimento. O comando de greve é a organização do movimento, subordinado às assembleias, que tem papel EXECUTIVO de colocar em prática os detalhes organizativos que correspondam às decisões soberanas das assembleias. Deve ser o meio de organização, comunicação e de negociação. Seus membros devem ser grevistas, e prestar contas de suas ações para a assembleia geral. Têm mandatos revogáveis pela base a qualquer momento. É possível formar também comandos de mobilização nas unidades que ainda não estão em greve, mas quem deve decidir sobre a greve são os grevistas.

GREVE JÁ! Ir às ruas para arrancar da Reitoria/Governo as reivindicações de defesa da USP Pública e Gratuita!

Pela contratação de todos os professores necessários aos cursos! Pagamento de bolsas a todos, e no valor de pelo menos um salário mínimo! Devolução dos blocos bloqueados à moradia estudantil! Fim da perseguição aos moradores irregulares! Restaurantes todos públicos, sob controle dos que estudam e trabalham! HU com verbas suficientes para seu pleno funcionamento!